



Os personagens voltam 20 anos depois dos acontecimentos do longa

O casal Jerusa e Bradock é um dos pontos de movimento da série



Roberta Rodrigues volta à Berenice



“Quem é fã do filme, quando assiste a série, percebe que está dentro de *Cidade de Deus*, mas depois do segundo episódio percebem que está vendo *Cidade de Deus: a luta não para*. Ou seja, está vendo além”, reflete o diretor, que acredita que todo o trabalho é muito original. “Eu não trilhei o caminho que trilhei para chegar aqui agora e imitar o Fernando Meirelles, não tenho vocação para ser imitador de ninguém. Então, respeitando o que ele fez, eu vou tentar dar alguns passos adiante”, crava.

Todos os envolvidos, da equipe ao elenco, foram ao máximo para que saísse esse produto final. “Nós, como artistas, realizadores, pensadores e ativistas, fomos acumulando uma série de bagagem e despejamos tudo nessa série”, diz Aly. O resultado foi uma *Cidade de Deus* que bebe no passado e caminha para o futuro. “Eu acho que o mais legal é isso, a história, a narrativa da série está repaginada, está atualizada com os tempos, embora a gente esteja falando de 2000”, adiciona Andreia Horta.

RESPONSABILIDADE E HONRA

“Voltar com o meu personagem tão icônico é de uma grande responsabilidade, mas, se é para fazer, é para fazer para poder valer”, pontua Alexandre Rodrigues. Esse era o raciocínio de todos que estavam ali e decidiram voltar para contar mais uma história. “Eu jamais aceitaria a série se fosse para fazer de qualquer jeito. Fazer parte disso é ser artista, e ser artista que quer revolucionar. Todo mundo que estava naquele set fez a vida por meio de revoluções próprias”, complementa Roberta Rodrigues.

Para aqueles que não estavam na primeira vez, é uma oportunidade de viver um sonho. “Mexe com a menina que fui, que nasceu e cresceu na periferia. Poder ser uma das vozes contadoras dessa história repaginada, dessa história atualizada, é uma alegria muito grande”, destaca Horta. “Dá uma honra de ter conquistado. Eu fiz teste, eu passei no teste. Eu ganhei no dente, eu ganhei na luta boa e justa. Essas coisas não têm preço”, completa.

Andreia Horta e Marcos Palmeira são nomes consolidados que entraram na empreitada. Porém, assim como no filme de 2002, grandes atores estão se destacando vindo diretamente do teatro das comunidades. Enquanto há mais de 20 anos eram nomes jovens do Vidigal, agora é o coletivo Arteiros, da própria Cidade de Deus, que rouba a cena. O que não muda é o fato de tudo parecer convergir para que mais história seja escrita. “Para mim, *Cidade de Deus* é algo espiritual, é como se fosse um combinado astral. Parece que a obra escolhe quem ela quer que a represente”, acredita Roberta.

DO BRASIL PARA O MUNDO

Cidade de Deus teve um impacto internacional quase sem precedentes. Além de ter sido indicado a quatro prêmios Oscar, o longa é uma das produções não gravadas em língua inglesa mais assistidas da história. Andreia Horta lembra de uma passagem da CCXP em que o elenco encontrou Steve Toussaint, um dos atores de *Casa do Dragão*, série que *Cidade de Deus: a luta não para* substituiu na programação da HBO. “Ele falou para o elenco que fez parte do original: ‘Eu resolvi me tornar ator quando eu assisti *Cidade de Deus*’. Ele é estrangeiro e um homem negro. Isso é de uma potência!”, conta.

Com a produção de uma série, foi natural que Warner e a Max apostassem alto na narrativa que estava por vir. “Estão colocando a gente para substituir *Casa do Dragão* e depois da gente vai vir *Penguin* (minissérie sobre o vilão do *Batman* interpretado por Colin Farrell). Isso é porque a gente está fazendo super bem o que nos propusemos a fazer”, comemora Aly Muritiba.